

4

—

162 anos de *Úrsula*

Entrevista

...Então por que publicas?

Fernanda Bastos

Jornalista; editora e poeta. Desde 2018, atua como editora geral da Figura de Linguagem, casa editorial sediada em Porto Alegre da qual é uma das fundadoras juntamente com o escritor e crítico literário Luiz Mauricio Azevedo; É autora de Dessa Cor (Figura de Linguagem, 2018); Também é colunista do portal Literatura RS e trabalha como repórter no programa Estação Cultura da TVE RS; É mestrandia em Comunicação e Informação (PPGCOM/UFRGS) e tem formação em Letras (UFRGS).

bastosfernandajor@gmail.com

Entrevista – Fernanda Bastos, editora geral da editora *Figura de Linguagem*.

Fundada em 2018 por duas pessoas negras e com um corpo diretivo inteiramente formado por pessoas negras, a *Figura de Linguagem* é uma editora independente, com sede em Porto Alegre.

Conversamos um pouco com Fernanda Bastos, diretora geral da *nano-empresa* que lançou, em 2018, a 15ª edição de *Úrsula* — que só no ano de 2018 ganhou dez novas edições —, sendo duas delas em formato apenas digital. Destas dez novas edições de *Úrsula*, cinco foram lançadas por editoras de Porto Alegre.

Confira na íntegra a nossa conversa com Fernanda Bastos.

Firminas – Fale um pouco de sua trajetória. Como se tornou editora?

Fernanda Bastos – Trabalho com jornalismo há dez anos, o que possibilitou entender parte do processo editorial no sentido estrito. Apesar da minha formação em Letras, foi o jornalismo que me motivou a buscar conhecimento sobre os diversos processos que envolvem a atividade editorial e o mercado de livros no Brasil. Quando criei, junto com o crítico literário Luiz Mauricio Azevedo, a Figura de Linguagem, pareceu natural diante de nossas habilidades que eu ocupasse o cargo de editora geral e ele, de editor executivo. Também a designação desse papel por uma mulher negra foi logo percebida como uma decisão estratégica para impor o combate à desigualdade de gênero internamente em nossa empresa desde a sua concepção.

Firminas – Que tipo de histórias você costuma publicar?

Fernanda Bastos – A linha editorial da Figura de Linguagem tem como foco o antirracismo. Entendermos que é necessário radicalizar a ideia de diversidade, e, por isso, somos uma casa que possui cotas para autores brancos. Achávamos que era importante nos inserirmos no histórico de resistência de editoras negras, até porque as pessoas que fundaram e dirigiram são negras, mas não queríamos disputar o mesmo terreno daquelas que vieram antes e possuem um trabalho de excelência, como a Mazza, muito antes pelo contrário, pensávamos que era importante avançar em pontos que consideramos importantes para o nosso tempo, como as lutas por igualdade de gênero e pelo respeito às vidas LGBTQ+. Nosso catálogo tenta dialogar com esse compromisso e com as desigualdades que estão na sociedade que partilhamos com pessoas que compram nossos livros. Publicamos obras de gêneros variados, tanto de ficção e poesia quanto de não ficção.

Firminas – Quais são os gêneros em que se sente mais à vontade?

Fernanda Bastos – Por ser o gênero em que atuo como escritora, a poesia é aquele em que me sinto mais em casa. Mas não tenho

"Achávamos que era importante nos inserirmos no histórico de resistência de editoras negras"

dificuldade ou desprezo por outros gêneros, tendo em vista que como leitora e editora passo por vários deles e percebo valor estético em todos.

Firminas – Quais são os pontos que a Editora Figura de Linguagem valoriza quando escolhe uma obra para reeditar?

Fernanda Bastos – Interesse do público, valor estético e, sobretudo, importância histórica para a nossa comunidade.

Firminas – Existe intervenção por parte da editora no texto original? Vocês fazem modificações? Como foi no caso de Úrsula?

Fernanda Bastos – Como editores, buscamos não fazer intervenções que possam deturpar o texto. Há casos em que é necessário incidir sobre a pontuação e/ou o vocabulário, pensando em soluções para tornar o livro mais acessível. No caso de *Úrsula*, foi importante produzir notas que ajudassem o leitor a entender o texto, por conta de vocábulos e registros datados. Não efetuamos mudanças consideráveis, nem mesmo na pontuação, pois consideramos que o estilo da autora precisa ser conhecido. Por pesquisar sobre a obra, notei que a *Figura de Linguagem* foi uma das poucas editoras que optou por não usar uma imagem atribuída à autora. Considero importante que o apagamento da figura física de Maria Firmina dos Reis não seja esquecido. Penso que é parte da história do livro a falta que temos da imagem de Maria Firmina. Até pouco tempo pessoas pobres e negras tinham dificuldade de ter acesso à tecnologia de registros – eu mesma quase não tenho retratos de bebê e nos primeiros anos, porque era caro e inacessível. Isso diz sobre o Brasil em que viveu Maria Firmina – como eram tratadas as mulheres escritoras e as mulheres negras escritoras? – e também sobre a política da memória da gente negra.

Com relação ao projeto gráfico, pensamos sobre o esforço que Firmina empreendeu para abordar o abolicionismo de modo tão corajoso sem deixar de atender a determinadas convenções. Embora entenda que a grande força da obra é o relato dos escravizados, consideramos necessário respeitar o enredo e a proposta da autora.

Firminas – Até qual etapa do processo vai o trabalho do/a editor/a?

Fernanda Bastos – A editora costuma trabalhar desde o recebimento dos originais até a divulgação da obra na imprensa e em instituições ligadas ao livro e à literatura. Nosso trabalho compreende todo o processo de elaboração do livro até seu momento de compartilhamento com o público.

Firminas – Como foi a escolha da equipe para a edição de *Úrsula*? O que foi levado em conta?

Fernanda Bastos – *Úrsula* foi um livro de que participei pessoalmente da edição. Integrei o trabalho de preparação dos originais, que foram submetidos à revisão técnica da professora e pesquisadora de literatura afro-brasileira Roberta Flores Pedroso, a mais dedicada pesquisadora acadêmica de Maria Firmina dos Reis na nossa região. Roberta vem trabalhando há muitos anos com esse texto e com a divulgação da autora no ensino público e privado bem como na universidade – isso quando ainda nem se falava muito na obra e muito menos se cogitava escolhê-la como leitura obrigatória do vestibular.

Firminas – Qual a sua impressão pessoal sobre a obra? De que forma te impactou?

Úrsula é um marco para a literatura brasileira, por trazer uma história abolicionista, que apresenta um retrato de mulheres e negros no Brasil do século 19, mas que também possibilita que eles tenham agenciamento, até porque a narradora faz com que eles próprios participem da narração.

Pessoalmente, gosto da obra porque ela é muito aberta a leituras, é prazerosa de ler, divertida em seu enredo cheio de reviravoltas e terríveis acontecimentos como os bons folhetins. Aprecio muito a relação íntima e devotada de Túlio e Tancredo, tão polissêmica em nosso tempo.

É um livro que eu teria gostado de ler na escola e que, tendo descoberto já na fase adulta, não foi o tipo de obra que li apenas como registro da literatura de um tempo. O texto ainda me mobiliza.

Firminas – Vocês tem recebido retorno/feedback de leitores ou das livrarias?

O interesse acadêmico vem depois de anos de estudos solitários de sujeitos negros na academia. E o interesse editorial reflete as pressões dos consumidores e também do campo acadêmico, que não pode mais negar a importância dessa obra, assim como não pode mais negar a existência de sujeitos negros na sua comunidade.

A recepção do livro tem sido marcada por uma abordagem predominantemente sociológica, a exemplo do que ocorre com outras obras de autoria de sujeitos negros e sobretudo mulheres negras. Em decorrência dessa valorização somente como registro histórico, o valor estético do texto é pouco debatido, assim como a relação com a produção de outros autores e autoras e literaturas de outras regiões. De um lado, muitos desconhecem o livro e a autora. Por outro lado, há muitas informações erradas circulando sobre o livro, o que demonstra que ele precisa ser mais lido e divulgado – está de parabéns, aliás, o trabalho que o *Memorial* empreende nesse sentido. Já ouvi até de professores universitários que Úrsula seria “um livro escrito por uma escrava”, por exemplo.

O retorno sobre o livro tem sido muito positivo, com leitores e leitoras impactados pela história ou pelo menos saciados em parte na sua curiosidade pelo livro e pela autora redescoberta.

O fato de uma história como essa poder circular em nossa sociedade e entre estudantes é de extrema importância para que possamos conhecer outras narrativas sobre o Brasil, sobre a resistência da população afrodescendente e sobre a nossa tradição literária. ■

"O fato de uma história como [Úrsula] poder circular em nossa sociedade e entre estudantes é de extrema importância..."